

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO (PÔSTER)

NOME: MARCELO PESSOA DE OLIVEIRA

TÍTULO: Tropicalismo, arte e movimentos socioculturais: compreensões ainda úteis para a sociedade

AUTORES: MARCELO PESSOA DE OLIVEIRA

AGÊNCIA FINANCIADORA (se houver): PAPQ

PALAVRA CHAVE: Tropicalismo, Cultura Brasileira, Sociedade

RESUMO

A elite intelectual brasileira é paradoxal em suas relações com o restante da sociedade. Tem a percepção do paradoxo nas interações com o povo e se omite da faculdade de antecipação das mudanças que são normalmente próprias às vanguardas artísticas que emanam exatamente dessa mesma elite. Logo, vê-se que, às vezes, ao invés de avanços, as elites promovem enormes retrocessos sociais e culturais, congelando a evolução de toda a sociedade.

Sob esse enfoque, o de revisão do papel histórico das elites, nos voltamos ao Tropicalismo e a alguns movimentos sociais e os relançamos como celeiros de conteúdos para a formação intelectual e artística no Brasil.

Embora a Tropicália, enquanto movimento estético musical deflagrado em 1967 tenha sido considerado extinto com o exílio de Caetano Veloso e Gilberto Gil (1969-1972), em entrevista ao jornal Folha de S. Paulo, em 19/03/99, Caetano Veloso se declarou ainda tropicalista. Essa afirmação nos sugere que, de alguma maneira, o ideário e as atitudes tropicalistas ainda estão possíveis, uma vez que o cenário cultural e político nacional e internacional continuam em eferescência (o processo de impeachment do então presidente brasileiro Fernando Collor de Melo, em agosto de 1992, o "11 de setembro", nos EUA, em 2001, a explosão do caso do "mensalão", durante o governo do Presidente Lula, em maio de 2005, ou a "Primavera Árabe", fatos de 2010 e 2012 no Oriente Médio). Portanto, se os ingredientes históricos nacionais e internacionais que temperaram o caldo e o berço da Tropicália ainda estão em ebulição no caldeirão sociocultural do mundo, podem ser reificados nos trabalhos musicais dos remanescentes daquele movimento ou revisitados por prováveis neotropicalistas como Chico César, Adriana Calcanhoto, Zeca Baleiro, Vítor Ramil, Lenine, Carlinhos Brown, Arnaldo Antunes, Rita Ribeiro, Virgínia Rodrigues etc.

Da relação de vanguardas artísticas com a intelectualidade, nasce um equívoco sobre a utilização social da arte que determina divergências sobre a função social e estética do artifício humano.

A elite intelectual brasileira nesse tocante é paradoxal porque nunca ou quase nunca fez parte do proletariado sobre o qual discursa. Por conveniência, dá-se voz a ele nas falas que a própria elite tece. Tais homilias até ponderam os problemas dos pobres, dos trabalhadores, dos eleitores, comentam e criticam a opressão e segregação exercida pela elite sobre o contingente fragmentado sobre o qual se conforma a massa designada por população ou povo.

De um lado, a sociologia cultural invade os bastidores conservadores do latifúndio histórico brasileiro e academicamente legitima os integrantes de movimentos socioculturais como a Antropofagia Oswaldiana (1928), o Cinema Novo (1955), a Poesia Concreta (1955), a Bossa Nova (1958), o Tropicalismo (1967), o Movimento das Diretas-Já (1983-1984), o MST (1984), os Caras-Pintadas (1992), ou o recente Movimento do Passe Livre – MPL (2003). De outro lado, a crítica especializada tratava e ainda trata de emitir suas opiniões em crônicas diárias, até mesmo por carência de fatos reais sobre arte, cultura, política e sociedade, deixando no ar a ilusão coletiva de inclusão, quando, de fato, perpetua a face mais cruel das exclusões.

Noutros termos, diz-se que parte da elite intelectual acredita que o povo, do qual fala aparentemente de maneira benevolente e protetora, é ignorante e precisa ser intelectualmente guiado e orientado, senão não conseguirá entender o que realmente seja civilização, cultura e arte e sua função para a manutenção do status quo.

Alguns membros da classe artística são também omissos porque enxergam tudo isso, entendem todo esse paradoxo e mesmo assim não fazem nada realmente significativo para denunciá-lo ou para mudar essa conjuntura.

Esse paradoxo o definimos por meio de uma ética social que se situa nas fronteiras do dever-fazer o bem sem ver a quem (a utilização da arte para fins políticos deveria agir nesse polo, sem necessariamente destituir a arte de seus atributos culturais e estéticos), e o fazer o bem em benefício de quem (aqui é que encontramos o uso não politizado da arte, mas panfletário, que destitui da arte os atributos culturais e estéticos que lhe são inerentes, atribuindo-lhe artificialmente predicados éticos, morais e sociais).

Nesse sentido entendemos que se torna difícil distinguir a esquerda política (setor da sociedade organizada em que se encontrava concentrado o maior número dos membros do que se poderia chamar de elite intelectual dos anos 60) da arte panfletária, uma vez que essa elite intelectual agia paradoxalmente nos dois polos de tensão da arte dos anos vividos sob a ditadura militar no Brasil.

A utilização da arte, como proposta criadora, inventiva e contra ideológica, se não conseguir atingir o povo, porque determinadas apropriações da arte a direcionam para utilizações não estéticas ou a desejam mais politizadas, fazendo com que o povo não seja capaz de entendê-la e decodificá-la, fará dessa arte uma arte elitista, discriminadora, e constituir-se-á em passaporte de privilégios para a ratificação dos estatutos do establishment.

Entretanto, paralelamente ao contexto paradoxal e de omissão, com o pretexto de ajudar o povo nessa compreensão de si próprio, a elite intelectual e alguns artistas eventualmente tentam conjuntamente fazer da arte de cunho erudito o estandarte, a porta-voz de uma pretensa consciência coletiva e unânime sobre si própria.

Deseja-se fazer da arte o único recurso paradigmático de manifestação cultural que deveria ser aceito por todos os integrantes da sociedade. A aceitação deve ser incondicional. No entanto, se essa aceitação incondicional ocorrer, atrofiar-se-á a percepção crítica coletiva à qual a arte deve por índole se opor, e se possibilitará a fertilização do terreno social e cultural que faz brotar as raízes do equívoco entre a real função da arte para a sociedade, restringindo-a ao papel de mero panfleto contra ideológico.